

ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES PRESENTE NA HISTÓRIA SOCIAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Carlos Bauer¹
Carin Moraes²

Resumo: O artigo enfoca a trajetória histórica da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), criada a partir da iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – e de movimentos sociais e militantes políticos. O objetivo do artigo é identificar de maneira sucinta as motivações que levaram à criação da ENFF, como também descrever alguns dos principais aspectos do projeto pedagógico que orienta as práticas existentes, com ênfase na proposta de participação de representantes de movimentos sociais de diversos países, o que caracterizaria o internacionalismo presente no seu constructo. A análise utiliza documentos da Associação de Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes - AAENFF, entrevistas e matérias veiculadas no espaço público. A ENFF é objeto de estudo em diversos trabalhos acadêmicos, que descrevem o processo que levou à sua criação e o seu funcionamento, havendo pouco esforço voltado à compreensão do seu caráter internacionalista, característica que ganhou grande relevância. Estudar a dimensão internacionalista da proposta educacional da ENFF é, sobretudo, legitimar sua importância enquanto um espaço que se edifica para contribuir na formação daqueles que participam da construção de alternativas ao modelo dominante de sociedade e que, atuando em diferentes organizações e países identificam-se como membros de uma cultura de resistência. É importante ressaltarmos que o presente artigo diz respeito a uma pesquisa ainda em andamento, que pretende verificar a construção de um modelo de ação internacionalista como parte da visão política do MST, principal sujeito político envolvido na criação da ENFF.

Palavras-chave: Educação no campo; formação política; história social da educação; internacionalismo.

ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES PRESENTE EN LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN BRASILEÑA.

Resumen: El artículo se centra en la trayectoria histórica de la Escuela Nacional Florestan Fernandes (ENFF), creada por iniciativa del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra – MST – y de movimientos sociales y militantes políticos. El objetivo del artículo es identificar brevemente las motivaciones que llevaron a la creación de la ENFF, sino también describir algunos de los principales aspectos del proyecto pedagógico que guía las prácticas existentes, con énfasis en la propuesta de participación de representantes de movimientos sociales de diferentes países, lo que caracterizaría lo internacionalismo presente en su

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, Brasil. Email: carlosbauer1960@yahoo.com.br

² Professora da Secretaria Municipal de São Paulo (SME) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (Uninove). Email: carin.moraes@hotmail.com

constructo. El análisis utiliza documentos de la Asociación de Amigos de la Escuela Nacional Florestan Fernandes - AAENFF, entrevistas y artículos publicados en el espacio público. El ENFF es objeto de estudio en varios trabajos académicos que describen el proceso que llevó a su creación y su funcionamiento, habiendo poco esfuerzo dirigido a la comprensión de su carácter internacionalista, rasgo que adquirió gran relevancia. Estudiar la dimensión internacionalista de la propuesta educativa de la ENFF es, principalmente, legitimar su importancia como un espacio que se construye para contribuir a la formación de los que participan en la construcción de alternativas al modelo dominante de la sociedad y que, actuando en diferentes organizaciones y países se identifican como miembros de una cultura de resistencia. Es importante destacar que este artículo se refiere a un estudio aún en curso, que desea comprobar la construcción de un modelo de acción internacionalista como parte de la visión política del MST, la entidad política principal implicada en la creación de la ENFF.

Palabras clave: Educación en el campo; Formación política; Historia social de la educación; Internacionalismo.

FLORESTAN FERNANDES NATIONAL SCHOOL PRESENTES IN THE SOCIAL HISTORY OF BRASILIAN EDUCATION.

Abstract: The article focuses on the historical trajectory of Florestan Fernandes National School (ENFF) created at the initiative of the Landless Workers Movement - MST - and social movements and political activists. The aim of the paper is to identify briefly the motivations that led to the creation of ENFF, but also to describe some of the main aspects of the education program that guides existing practices, with emphasis in the proposed participation of representatives of social movements from different countries, which characterizes this construct in its internationalism. The analysis uses documents of the Association of Friends of the Florestan Fernandes National School - AAENFF, interviews and articles published in the public space. The ENFF is object of study in several academic studies that describe the process that led to its creation and functioning, with little effort aimed at understanding their internationalist character trait that has gained great relevance. Studying the internationalist dimension of ENFF educational proposal is mainly to legitimize its importance as a space that is built in order to contribute to the training of those who participate in the construction of alternatives to the dominant model of society and that, acting in different organizations and countries are identified as members of a culture of resistance. It is important to emphasize that this article refers to a study that is still in progress, which aims to check the construction of a model internationalist action as part of the political vision of the MST, the main political entity involved in creating the ENFF.

Keywords - Education in the field; policy formation; social history of education; internationalism.

Introdução

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) é uma escola de iniciativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que se preocupa com a formação política de militantes de organizações sociais e a adoção de uma dimensão internacionalista no constructo de suas ações políticas e educacionais, das quais organizações de trabalhadores de várias partes do mundo — principalmente da América Latina — contribuíram e continuam contribuindo para sua edificação.

O texto procura destacar a íntima relação que o MST tem com a ENFF. Relação essa que se estabelece pelo fato de o próprio movimento ser o idealizador e coordenador da *escola*. Esse destaque procurou dar conta das preocupações que o MST tem com a educação nos acampamentos e assentamentos, com o processo de construção da ENFF, e com os cursos que são realizados no seu interior, sobretudo os de natureza internacionalista. Procuramos apresentar algumas questões acompanhadas de algumas hipóteses, na intenção de nos aproximarmos dos nossos objetivos principais, que são os de identificar as motivações que levaram à criação da ENFF, descrever e analisar os principais aspectos do projeto pedagógico que orienta as práticas existentes, com ênfase no aspecto da proposta de participação de representantes de movimentos sociais de diversos países, o que consideramos determinante para caracterizar o internacionalismo do projeto da ENFF. Tais objetivos são explicitados a seguir:

- identificar os sujeitos históricos envolvidos na criação da Escola Nacional Florestan Fernandes, as estratégias utilizadas e oposições aos projetos;
- Analisar o projeto pedagógico da ENFF a partir do processo de sua concepção e aplicação real;
- Analisar o internacionalismo existente no projeto pedagógico da escola e sua efetivação.

O MST e a pedagogia do movimento

No conjunto das principais lutas e conquistas do MST, pode-se dizer que a educação é uma prática que tem total relação com a constituição do movimento, ele “tem uma concepção de educação em conformidade com as próprias ideologias e visão de mundo” (SILVA, 2014, p. 51).

Para o MST, a luta pela conquista de frações territoriais não está descolada da luta pela conquista da educação para a população do campo. As preocupações relacionadas à educação

deram-se desde o início de formação do movimento. Tais inquietações não se deram de maneira estática, e sim pela associação ao dinamismo político desse movimento social e a luta política que se produziu no seu interior. O modo de fazer educação do MST se desenhou na medida em que as suas experiências se manifestaram Brasil afora. As conquistas, as derrotas, os retrocessos, exigiam dos seus militantes respostas que seriam decisivas para a continuidade ou não dos Sem Terra.

Chegamos a tal afirmação com base em nossas pesquisas e nos autores consultados, que procuraram demonstrar em suas análises que a educação do MST é inerente a sua concepção de mundo, ela está presente no próprio fazer político e social da organização. (BAUER, 2012; CALDART, 1997, 2000, 2004; FERNANDES, 2001; GONH, 1994, 1997, 2003, 2011; MST, 1991, 1994, 1995, 1996, 1999, 2010; SILVA, 2002; SILVA, E., 2004; SILVA P. 2012; SOUZA, 1996, 199; VENDRAMINI, 2000).

O MST tinha a formulação de que a reforma agrária não se restringia à conquista da terra. Após conquistá-la, as famílias necessitavam ter condições de permanecer nela. Havia a necessidade de materializar o projeto de sociedade idealizado e defendido pelos Sem Terra ao longo de sua caminhada. Projeto que foi e continua crítico ao modelo agrário exportador, concentrador da propriedade fundiária e que vem procurando, por todos os meios, inclusive, violentos, se eternizar no cenário político e econômico brasileiro.

Para os trabalhadores “Sem Terra”, essa concepção societária só poderia ser viável se o MST não reproduzisse nos seus assentamentos a cultura e a ideologia dominante capitalista nas suas variadas formas de inserção social.

Desta sorte o MST lançou mão de alguns princípios políticos e filosóficos que julgava imprescindíveis para o questionamento e a recusa do perpetuamento do modelo vigente. São eles, conforme sinalizam Candido Vieitez e Neusa Dal Ri (2008, p. 199-200):

- a) *Educação para a transformação social [...]*
- b) *Educação para o trabalho e a cooperação [...]*
- c) *Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana [...]*
- d) *Educação com e para valores humanistas e socialistas [...]*
- e) *Educação como processo permanente de formação e transformação humana [...]* (grifos dos autores).

Esses princípios estão presentes nas discussões e no fazer educacional do MST nos acampamentos e assentamentos como resistência ao modelo oficial de ensino. É válido ressaltar que as escolas instaladas no interior do movimento são vinculadas aos órgãos oficiais

e reproduzem as diretrizes educacionais brasileiras. Ou seja, o processo para se construir uma educação ancorada nos princípios socialistas se dá de maneira conflituosa.

É importante destacar que a educação do MST é crítica ao modelo oficial de ensino que se presta no mais das vezes a reproduzir os feitos, os valores e as concepções da sociedade capitalista. No lugar dessa escola reprodutora, o movimento construiu por meio de suas experiências uma concepção alternativa de escola. Escola essa com a responsabilidade de produzir em seus educandos a consciência de classe e a compreensão das tarefas históricas e imediatas que estão colocadas na ordem do dia dos seus adeptos. A proposta educacional assumida pelos Sem Terra foi, então, consagrada como a Pedagogia do Movimento. No ano de

1999 o movimento ainda não assumia a elaboração de uma nova pedagogia. Porém, em 2001, em material publicado como resultado do acompanhamento do Setor de Educação às práticas de educação e, em especial, às escolas dos assentamentos e acampamentos, ele passa a reivindicar a pedagogia do Movimento (DAL RI e VIEITEZ, 2008, p. 197).

No entanto, o fato do MST até aquele momento não adotar uma metodologia específica no seu fazer educacional, não significava que o mesmo não fazia esse debate em seus espaços organizativos e de intervenções. O movimento desde o seu início tinha claro que a educação para a transformação social era um dos princípios que norteariam suas experiências culturais e intervenções políticas no cenário nacional. É por conta dessas experiências que surge a pedagogia do movimento.

Por pedagogia, o MST entende como sendo o jeito que ele forma e constitui os sujeitos sociais e seu nome Sem Terra. É algo mais do que uma proposta, é uma prática viva. Além dos princípios políticos e filosóficos, esses trabalhadores assumiram em sua prática os seguintes valores de ordem pedagógica (DAL RI e VIEITEZ, 2008, p. 201-203):

- a) *Relação entre prática e teoria [...]*
- b) *Combinação metodológica entre processos de ensino e de capacitação [...]*
- c) *A realidade como base da produção do conhecimento [...]*
- d) *Conteúdos formativos socialmente úteis [...]*
- e) *Educação para o trabalho e pelo trabalho [...]*
- f) *Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos [...]*
- g) *Vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos [...]*
- h) *Vínculo orgânico entre educação e cultura [...]*
- i) *Gestão democrática [...]*
- j) *Auto-organização dos estudantes [...]*
- k) *Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores [...]*

- l) *Atitude e habilidades de pesquisa [...]*
- m) *Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais [...]*
(grifos dos autores).

Ao interpretarmos os tópicos acima reproduzidos, é possível deduzir que a práxis do MST vem sendo calcada em princípios que são indispensáveis para sua atuação enquanto movimento que prioriza a humanização do homem em sua experiência de permanente aprendizado, no qual esses princípios são alicerces para se construir um movimento forte e combativo na luta, através de suas intervenções no seio da sociedade burguesa. E pela imbricação entre o MST e a educação, é impossível tratar a dimensão educacional separada do contexto de luta política e mobilização social do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que “tem seus princípios de educação e de pedagogia, que não são resultados de idealizações, mas, sim, das necessidades; não são abstrações [...]” (SILVA, 2014, p.52), ou seja, são os resultados dos acúmulos de experiências dos anos de luta e da história dessa organização política e social.

É presente no âmbito acadêmico algumas indagações a respeito de qual pedagogia o MST assume, e em quais pensadores baseiam o seu fazer escolar. Sobre essas questões Silva (2014, p. 50) esclarece que o MST,

tem ideologia e visão de mundo próprias e, por conseguinte uma concepção própria de educação, consoantes entre si. Trata-se de uma visão crítica ao modo de produção capitalista, e que tem por base a democracia, a cooperação, a solidariedade e a posse coletiva dos meios de produção, em especial da terra.

Ou seja, o MST se baseia nos pensadores que contribuem para a análise e compreensão das contradições produzidas no seio da sociedade burguesa e, por conseguinte, é possível afirmar que o MST, tem uma pedagogia própria, a pedagogia do movimento.

O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o jeito através do qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra, e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio movimento (MST, 1999, p.6).

Nesse aspecto, o movimento é o próprio sujeito pedagógico de sua prática educacional (CALDART, 2012). No entanto, “isto não quer dizer que o MST tenha inventado uma nova pedagogia, mas ao tentar produzir uma educação do jeito do movimento, os Sem Terra acabaram criando um novo jeito de lidar com as matrizes pedagógicas” (MST, 1999, p. 6).

A construção da Escola Nacional Florestan Fernandes, seus sujeitos históricos e sua dimensão internacionalista.

Com base nos documentos do MST é possível dirimir que a organização de escola desenvolvida por eles está centrada na busca “de novas relações sociais que produz e reproduz, problematizando e propondo valores, alterando comportamentos, desconstruindo e construindo, costumes, concepções, costumes e ideias” (MST, 1999, p.7-8). Sendo recorrente encontrarmos nos seus escritos sobre a realidade educacional a afirmação “de que a escola cabe na educação e na pedagogia do Movimento, mas a educação e a pedagogia do Movimento não cabem na escola, menos ainda na escola oficial” (SILVA, 2014, p. 61), sendo, contudo, necessário compreendê-la dialeticamente, lutando para conquistar a hegemonia política e pedagógica no seu interior, mas não abrindo mão de construir suas próprias escolas.

Por conta desses fatores, somados às demandas encontradas nos momentos de lutas do movimento, sejam nas ocupações, nos acampamentos e mesmo nos assentamentos percebeu-se que era necessário intensificar a formação política de seus quadros militantes e prepará-los para atuar nos conflitos que são próprios da acentuada luta de classes que se opera na sociedade burguesa. As primeiras preocupações com relação a essa necessidade foi a de considerar que o movimento deveria ser impulsionado por ele mesmo, pelos seus próprios militantes. Era preciso assumir essa tarefa sem atribuí-la aos de “fora”. É importante ressaltar que o fato do movimento ter exigido de si a empreitada de organizar a sua formação política não significava ficar preso às teorias e se distanciar das ações práticas, das experiências realizadas pelo movimento no seu processo de luta pela reforma agrária e justa distribuição da riqueza socialmente produzida.

Além da formação política, o MST sentiu a necessidade de outro tipo de formação (para garantir a sua existência e seu desenvolvimento), no caso o conhecimento da técnica agrícola. Na medida em que o MST conquistava a terra e se fixava nela, percebia que a luta não acabava ali. O permanecer na terra e trabalhar nela era uma demanda real que precisava ser debatida no interior do movimento. Era preciso viver na terra de acordo com os seus princípios. O trabalho deveria ser pensado de maneira oposta àquele vigente, como algo que se contrapusesse ao modo de produção capitalista. O modo de produção do trabalho desenvolvido pelo movimento não poderia se contrapor ao que era defendido por ele em todo o seu processo de luta pela terra. Não poderia ser aquele que expulsou e desapropriou os trabalhadores rurais do campo. Dito isso, a formação técnica também passou a fazer parte dos

cursos de formação do MST, considerando o trabalho como um princípio educativo. (FERNANDES e STEDILE, 2012). Foram alguns desses fatores que balizaram a necessidade de criação da Escola Nacional Florestan Fernandes.

A ideia de construção da *escola* se deu também através da necessidade que o MST teve em se manter na luta pela terra, considerando que para fazer esse combate no interior da estrutura capitalista, se fazia necessário que a educação e a formação política de seus militantes caminhassem juntas, tornando-se nesse processo fator determinante para o alcance de seus objetivos. O desafio foi o de pensar uma educação cujo princípio metodológico dialogasse com as características do MST. Que levasse em conta a dinâmica de organização do movimento (MEDEIROS, 2002).

Medeiros (2002), por meio de seus escritos sobre as experiências iniciais da ENFF, traz algumas importantes informações sobre as ações realizadas pela escola, algo que vem contribuindo para o embasamento teórico de nossa pesquisa. Ele apresenta para a discussão algumas análises que julgamos pertinentes e nos oferecem condições para avançarmos na compreensão sobre a dimensão internacionalista da ENFF, pois o modo como a escola procurou se relacionar com seus militantes/educandos fez com que se tornasse referência para organizações sociais de diferentes partes do mundo, tornando possível afirmar que tal alcance conquistado pelo movimento se deu por conta de uma prática que está intimamente ligada aos interesses da classe trabalhadora.

Os primeiros passos que a escola deu, foram em meados da década de 1990, na cidade de Caçador, no estado de Santa Catarina, localidade em que permaneceu até os anos 2000 (MEDEIROS, 2002).

Tendo como princípios filosóficos fundamentais a “educação como processo permanente de formação/transformação humana e a educação para transformação da sociedade” (MST, 2001), o cerne da proposta pedagógica da ENFF elegeu o tripé Educação, Trabalho e Organicidade como elementos nevrálgicos em torno dos quais se organizavam todas as atividades do curso de formação política por ela oferecido. Esses eixos norteadores traduzem a preocupação com uma ação educativa que resulte em uma formação integral do educando (MEDEIROS, 2002, p. 232).

Para alcançar os anseios do movimento com relação à formação dos seus quadros militantes, seria necessário que houvesse uma articulação do processo pedagógico, ou seja, das atividades de estudos (aprofundamento teórico) com as áreas de produção rural (o trabalho com caráter educativo) e com o sistema de organização do MST.

No entanto, as formas educacionais vigentes de caráter individualista e a serviço do capital não caberiam naquela construção de escola. O movimento propunha e procurava desenvolver uma concepção de educação na qual as ações coletivas e presentes no interior da sua luta concreta deveriam ser determinantes na constituição de uma educação dos trabalhadores. Com base naquela perspectiva, a ENFF iniciou seus trabalhos de formação política ancorada nos valores socialistas.

A ENFF em sua proposta pedagógica assumiu tais valores, com a preocupação de possibilitar aos militantes do MST a construção de uma consciência crítica sobre a dinâmica social na qual estavam inseridos, sobretudo, os seus companheiros de classe. Para os porta-vozes do movimento, a procura de se estabelecer a compreensão crítica e transformadora da realidade social, foi o principal fator que impulsionou a sua criação. Diante disso, não bastava só compreendê-la, também seriam necessários que se elaborassem planos e ações que modificassem as estruturas políticas, econômicas e sociais que vêm servindo de sustentáculo do capitalismo. Arcabouço esse que se valia e que ainda se vale de muitas facetas e que requeria estratégias políticas de grande envergadura e tenacidade para a sua superação.

Naquela ocasião, as práticas de formação política da ENFF, se pautaram em uma organização coletiva, tal como ocorre no desenvolvimento do próprio MST. Essa disposição se manifestou nas instâncias da ENFF e nos cursos realizados nos diversos assentamentos. A escola assumia um papel itinerante (premissa cara ao MST), isto é, os cursos também aconteciam em diferenciadas localidades do país. As instâncias de organização para o funcionamento da escola tinham como postulado o coletivismo, expresso nas assembleias gerais, na coordenação do projeto político pedagógico (CPP), no colegiado, nos núcleos de base etc. Aquela forma horizontalizada de organização se justificou pelo fato de garantir aos participantes, centrados nas experiências coletivas, que aos olhos do MST sempre foram elementos fundamentais para uma formação crítica dos sujeitos envolvidos naquele processo.

De acordo com a caracterização elaborada por Roseli Caldart (2000, p. 215), os sem terras do MST se educam enraizando-se e fazendo-se em uma coletividade em movimento, ou seja, “os sem terra se educam à medida que se organizam para lutar; e se educam também por tomar parte em uma organização (coletivo) que lhes é anterior (o MST)”.

Hoje a escola está situada na cidade de Guararema (a 60 quilômetros da cidade de São Paulo no sentido do Rio de Janeiro), isso desde o dia 23 de janeiro de 2005, data em que foi inaugurada sua atual sede. O local no qual a escola foi construída é a única terra comprada pelo movimento, com recursos auferidos em campanha de solidariedade internacional para esse fim, algo substancialmente diferente das outras áreas, que foram todas ocupadas.

Ao longo de quatro anos de trabalho voluntário em regime de mutirão, estratégias de participação de militantes políticos de diferentes nacionalidades foram elaboradas pelo MST para a concretização da construção da ENFF, que na atualidade representa uma proposta de educação e formação política para militantes dos movimentos sociais espalhados pelos quatro cantos do mundo. Educação essa que se diferencia da encontrada atualmente nas escolas de ensino oficial, pois desde o surgimento do MST houve a preocupação com a educação e a formação para sua constituição enquanto movimento autônomo que pudesse intervir na sociedade de modo que assegurasse a formação de seus militantes no momento em que realizavam suas lutas.

Maria da Glória Gohn (2011), ao tratar da relação dos movimentos sociais com a educação, apresenta o seguinte esclarecimento:

[...] para nós, a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos — quando há negociações, diálogos ou confrontos (GOHN, 2011, p. 333).

É justamente com base nessa lógica, que o MST se relaciona com a ENFF, objetivamente incentivando sua existência e projetando-a como espaço de aprendizagem e produção de saberes e conhecimentos comprometidos com as transformações sociais. Como se trata de um movimento cujo objetivo é a transformação da estrutura capitalista, é possível constatar, em pesquisas realizadas acerca das experiências da formação do MST, que a organização pela via do coletivo na dinâmica da luta do movimento é fundamental para a continuidade da resistência exercida por ele, e constata-se que a ENFF representa uma das referências dessa resistência. (MEDEIROS, 2002).

Considerando a formação política como experiência fundamental para o desenvolvimento do MST, pode-se dizer que o engajamento de seus militantes, foi a mola propulsora para criação da ENFF, avaliada nos dias de hoje como a principal escola de formação política do quadro militante e dirigente desse movimento.

Ao referir-se sobre as tarefas do MST, FERNANDES e STÉDILE (2005) mostram que é necessário “lutar contra três cercas: a do latifúndio, a do capital e a da ignorância”. Sobre essas bases, a ENFF, por meio do desenvolvimento de suas atividades em seu interior e em

conformidade com os propósitos do MST, representa o esforço para vencer a ignorância pautando-se em um trabalho que pretende educar para a liberdade e não para a reprodução de modelos já forjados e praticados, caracterizados por BOSI (1992, p. 317), como *mundo do receituário*, ou seja, o universo escolar como formador de cidadãos prontos a reproduzir os valores vigentes do *status quo* e não a superá-los.

Nesses tempos em que o modelo dominante de sociedade busca liberdade para o dinheiro e para as mercadorias e que a globalização resultante do processo de unificação de moedas, atividade financeira e mercados tende a reproduzir situações favoráveis ao capital e desfavorável aos trabalhadores, iniciativas que buscam formar cidadãos com capacidade de intervir na realidade são fundamentais para oferecer contrapontos críticos e credíveis ao neoconservadorismo e às teses do fim da história e da morte das utopias sociais vigentes. Na contramão do sistema, mesmo que de forma *lilliputiana*, homens e mulheres de diversas partes do mundo se encontram, compartilham ideias, experiências e se solidarizam com os esforços do movimento em busca de alternativas em todas as áreas que a ENFF procura abarcar.

A educação e a formação pensada pelo MST no interior da ENFF estão em conformidade ao pensamento de Paulo Freire, Anton Makarenko e de pensadores que preconizaram formas diferenciadas de educação frente à realidade social e política de seus países e estão em sintonia com a superação dos modelos que não fossem de interesse da classe trabalhadora. A educação é lembrada em diversas situações pelo movimento como elemento essencial, para a organização de novas práticas voltadas à superação do atual padrão societário e de suas limitações estruturais, pois, como parte integrante do campo progressista e reformista da sociedade, a ENFF se propõe a contribuir para superar as limitações do atual modelo partindo da análise de experiências de educação popular e formação política desenvolvidas no Brasil e em outros países.

A ENFF é uma escola que pretende, como afirmou BOSI (1992, p. 342), “educar para o trabalho junto ao povo, educar para repensar a tradição cultural, educar para criar novos valores de solidariedade; e, no momento atual, mais do que nunca, pôr em prática o ensino do maior mestre da Educação brasileira, Paulo Freire: educar para a liberdade”.

A presença da ENFF na história social da educação

Para o professor e historiador da educação Dermerval Saviani, em depoimento registrado no portal do MST, “não basta formar brasileiros que atuam nos movimentos

sociais, é preciso ir além e incluir militantes de movimentos de outros países”, caracterizando, assim, em breves e lapidares palavras, o internacionalismo necessário à superação dos limites impostos pelas regras do sistema atual, que se manifesta na “mundialização” do capital (In www.mst.org.br, acesso em 24/05/2013).

A ENFF tem sido objeto de estudo em diversos trabalhos acadêmicos, que descrevem o processo que levou à sua criação e à elaboração do projeto político pedagógico para seu funcionamento, havendo, no entanto, pouca atenção voltada à compreensão do seu caráter internacionalista, característica que, no nosso entendimento, ganhou grande relevância à medida que o processo para sua implantação desenvolveu-se. Nos materiais produzidos pela ENFF, que registram o seu processo de construção em sua sede atual em Guararema é possível verificar que a presença internacionalista no interior da *escola* se deu de várias maneiras e momentos, desde o processo de construção da sua estrutura física, até a presença de professores e militantes que realizavam as atividades dentro da proposta política pedagógica ali constituída e desenvolvida.

A base dessa relação entre os diversos movimentos é a luta pela terra, como parte inseparável e estratégica da abolição da propriedade privada dos meios de produção, conseqüentemente, por uma sociedade sem classes. Para que isso possa ocorrer se torna necessário fortalecer e qualificar as intervenções de seus militantes como uma das maneiras de realizar as mudanças no seio da sociedade burguesa. É nesse sentido que a ENFF vem se tornando um espaço propício para a viabilização desses anseios, na medida em que na atualidade,

como tem sido na história de maneira geral, organizar a força transformadora da sociedade e construir a unidade na diversidade são grandes desafios. A Escola busca ser esse espaço de construção da unidade na interpretação da realidade e fortalecer as iniciativas, as bandeiras de lutas comuns por sua transformação social. Por exemplo, nesse novo contexto da luta de classes, em que continuamos no processo de acúmulo de forças, tendo em vista a luta pela Reforma Agrária, a articulação com outros setores da sociedade, com a Via Campesina, com os movimentos urbanos é fundamental. Compreendemos que sozinhos (os Sem Terra) não teremos força suficiente para enfrentar o agronegócio, as transnacionais, o capital como um todo. Essa leitura e esse sentimento se concretizam nas iniciativas de formação que se desenvolvem na Escola Nacional. Assim, a luta pela Reforma Agrária ganha outro sentido e requer a participação dos trabalhadores urbanos, dos intelectuais progressistas, da juventude que almeja outras perspectivas que não a marginalidade e o desemprego. Por isso, continuamos defendendo que a Reforma Agrária deve ser uma luta de todos (AAENFF, 2010, acesso em 05/02/2014).

Esse aspecto político, o qual se denominou de internacionalista, não se deu apenas no início da construção da ENFF, ele se estendeu até os dias de hoje por intermédio dos diversos cursos pensados e efetivados pela coordenação da *escola*. Tal constatação é possível ser aferida nas notícias e nos documentos elaborados pela ENFF que são veiculados pela Associação de Amigos da Escola Nacional Florestan Fernandes (AAENFF), veja um exemplo disso:

No último dia 30 de novembro o pensador marxista Michael Löwy visitou a Escola Nacional Florestan Fernandes, quando palestrou aos alunos sobre o marxismo na América Latina. Löwy enfatizou as leituras feitas por diversos autores em todo o continente, com destaque para o peruano José Carlos Mariátegui, a quem comparou, em nível de importância, a Walter Benjamin e Antonio Gramsci (AAENFF, 2013, acesso em 05/02/2014).

Essa presença se dá tanto pelos trabalhos realizados por professores, intelectuais, dirigentes políticos, como pelos militantes que representam suas organizações políticas e movimentos sociais espalhados pelo mundo inteiro. Constata-se que uma relação internacionalista se dá no fazer-se da ENFF.

Nessa mesma perspectiva, movimentos sociais brasileiros construíram e mantêm em funcionamento a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), que desde 2005 oferece cursos voltados para a formação de ativistas e dirigentes das lutas populares. Nos sete primeiros anos de existência da ENFF, já passaram por ela cerca de 20 mil militantes, procedentes de todo o Brasil, de outros países da América Latina e também da África (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

Distinta e importante característica na condução da escola é a maneira que os dirigentes do MST articulam a existência e a manutenção da ENFF. “Para levar adiante seu trabalho, a ENFF conta apenas com a contribuição dos próprios movimentos sociais e o apoio solidário de entidades e indivíduos, no Brasil e no exterior” (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

Segundo consta nos boletins elaborados pela AAENFF, essa prática executada para a manutenção da escola é o que faz dela um espaço de formação desvinculado dos órgãos de educação que formatam cursos que nada tem a ver com a realidade dos movimentos. Dessa forma, a escola se constrói de maneira independente garantindo sua autonomia no processo de formação de militantes de diversas partes do mundo. No primeiro semestre do ano de 2012,

foram 9 cursos e outras atividades formativas realizadas na nossa Escola. Estas atividades foram amplas e de conteúdo variado, abarcando tanto atividades direcionadas à formação de dirigentes e formadores do MST e de

movimentos da Via Campesina, cursos para militantes de organizações de outros países latinoamericanos (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

Pelo que pudemos apurar uma das atividades em que se intensifica essa presença internacionalista, é o curso Formação de Formadores Latino-americanos, no qual se

visa formar militantes de diferentes movimentos sociais e políticos da América Latina, com capacidade para contribuir em suas organizações, em seus países de origem. Constitui, ao mesmo tempo, um espaço de aglutinação e articulação política dos vários processos de lutas existente nas organizações e movimentos da região. Ocorreu no período de 28 de maio a 8 de agosto de 2012, com participação de 57 pessoas de 39 organizações e 15 países (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

É possível observar, por meio da ementa do curso acima citado, que esse tipo de formação tem a intenção de qualificar seus militantes politicamente por meio de conteúdos que nos parecem referir-se às situações reais de cada país em luta constante pela superação do sistema capitalista.

Nessa mesma linha de formação, o curso de Especialização em Estudos Latino-americanos, uma parceria do MST/ENFF com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), realiza atividades que têm

como objetivo promover o estudo dos processos de formação socioeconômicos, políticos e culturais da América Latina, buscando elementos para entender a situação em que vivemos e possibilitar um maior intercâmbio entre educadores/dirigentes de movimentos sociais do Brasil e demais países da América Latina. É organizado em quatro etapas, com duração de aproximadamente 21 dias cada etapa. A 1ª etapa realizou-se no período de 2 a 22 de julho, com 13 organizações de seis países (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

Uma das características marcantes da escola e que também faz parte da cultura de organização do MST são as brigadas, que se esforçam no sentido de dar conta da organicidade cotidiana da ENFF enquanto as atividades acontecem. Pensando nisso é promovido em alguns períodos no seu interior o, “Curso intensivo de Inglês, com o objetivo de preparar brigadas internacionalistas para África do Sul, Moçambique e Noruega, no período de 9 de julho a 6 de agosto, com participação de 9 militantes do MST” (AAENFF, 2012, acesso em 05/02/2014).

Parece-nos que esse tipo de curso se efetiva no interior da ENFF de acordo com a conjuntura política de determinado país. A escola também disponibiliza seu espaço para Encontros de outras organizações sociais de cunho internacional como é o caso do

Encontro Red CLACSO de Posgrados en Desarrollo Rural en América Latina y Caribe;... encontro da Via Campesina... Encontro internacional do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), com a participação de 30 pessoas, de 10 países; visita de estudantes do Grupo Galícijs, da Galícia (Espanha) (AAENFF, acesso em 05/02/2014).

Com relação ao funcionamento da escola e seus objetivos, compreendemos que os cursos são realizados com frequência e proporcionam condições aos educandos e professores que por lá passam de adquirir uma

importante conquista dada a situação econômica e política que estamos vivendo. Não é fácil, nessas condições de refluxo dos movimentos e das lutas sociais, de crise econômica mundial que atinge a todos, de crise ideológica que afetou e afeta boa parte dos partidos e movimentos de esquerda, manter uma Escola com essa envergadura. Dessa maneira, as conquistas não são méritos da ENFF em si, mas do conjunto da classe trabalhadora, de amigos, apoiadores, militantes que participam desse importante processo de educação da classe, em especial dos camponeses. A conquista dos movimentos sociais é tornar a Escola em uma ferramenta transformadora para além dela. Além disso, a ENFF tem a tarefa de contribuir com a reflexão, com a qualificação da práxis de dirigentes e militantes de diversos movimentos sociais do Brasil e de outros países, com o intuito de manter viva a chama da transformação social. Ou seja, não podemos continuar com essa lógica de desenvolvimento capitalista que está destruindo o planeta, as pessoas, a natureza. Por meio do estudo e das lutas, vamos entendendo que continua válida a ideia e a necessidade de transformar a sociedade e construir uma nova civilização. Por isso, outra conquista é a de ser um espaço onde se alimentam sonhos, se aspira liberdade e vincula teoria com a prática numa perspectiva emancipatória, com base nos valores socialistas e nas premissas políticas de uma sociedade de fato, democrática, fraterna e igual, como sustentava Florestan Fernandes (AAENFF, 2010 acesso em 05/02/2014).

A escola vem atingindo seus objetivos mesmo com as dificuldades que se apresentam no decorrer de suas experiências (cumprindo o papel em que foi pensada de maneira geral), pois ela tem importante papel no procedimento de formação das lideranças dos diversos movimentos sociais do Brasil e da América Latina (AAENFF, 2010 acesso em 05/02/2014).

É por meio dela que muitos trabalhadores, camponeses conseguem ter acesso a elementos que os permitem entender como, historicamente, vem funcionando a sociedade e que medidas devem ser adotadas, de acordo com cada contexto, para superar as amarras que nos prendem e consolidar um processo, de fato, transformador. Já aprendemos na história que sem conhecimento sobre a realidade, a história, a economia, a organização, os processos de libertação e as perspectivas de futuro, é difícil construir novas alternativas. Assim também Florestan nos ensina que, em um país como o Brasil, se a gente não conseguir criar um senso crítico generalizado das possibilidades de mudança (e, para tanto, o estudo — com intencionalidade política — é fundamental), os trabalhadores não serão capazes de construir instrumentos organizativos, de coletividade e de lutas capazes de implementar essas mudanças na sociedade.

Então, na medida em que os trabalhadores economicamente pobres na perspectiva do capital vêm para a Escola, passam a ver o mundo de uma forma diferente e se colocam diante dele como sujeitos capazes de transformar essa realidade de opressão e injustiça no qual estão vivendo.

Desde o seu início da conformação dos trabalhos da Escola, tínhamos claro que essa estrutura física não seria uma propriedade do MST, mas, sim, estaria a serviço da classe trabalhadora.

Um dos pontos de grande significado para o desenvolvimento da ENFF é a influência de experiências de escolas de formação de quadros militantes internacionais no projeto político pedagógico da ENFF e na sua aplicação real. Os professores que se disponibilizam contribuir com os cursos, trazem para os alunos essas experiências, sobretudo enfatizando as contradições existentes no seio da sociedade capitalista.

Outro aspecto que constatamos é que a maneira com que a ENFF é organizada, possibilita aos estudantes uma troca significativa de experiências nas múltiplas esferas da vida cultural, político e social que deixam marcas profundas e estabelecem laços de solidariedade e amizade entre os seus participantes. Experiências que tocam profundamente os participantes, que são oriundos de várias partes do mundo. No entanto, o aspecto que mais se acentua no processo de formação da ENFF é o político, isso porque a escola, por proporcionar aos estudantes um espaço aberto de reflexão e elaboração de novas ideias, possibilita a compreensão mais profunda das contradições no interior desse modelo de sociedade, sobretudo aos que estão comprometidos com a superação dos processos históricos, políticos e sociais em curso na América Latina.

Considerações finais

O projeto de construção da ENFF coloca na ordem do dia as dificuldades enfrentadas pelos movimentos sociais e populares da classe trabalhadora e que procuram manter-se mobilizados, resistindo à integração às estruturas vigentes de poder e dispostos a manter acesa a chama de luta pelo socialismo. Trata-se de uma luta permanentemente prolongada, de caráter massivo e compreendida como parte indissolúvel da experiência histórica da classe trabalhadora contra seus exploradores. Algo que consideramos desafiador, pois todo esse processo se dá dentro da estrutura política, econômica e social que se opera nos marcos históricos da era do capital.

Esse esforço traz à tona a necessidade de se priorizar a disseminação de valores éticos que os seus adeptos julgam fundamentais na construção de um projeto diferenciado de sociedade, como, por exemplo, a solidariedade e o questionamento do consumismo que aparecem como essenciais na formação dos militantes que são chamados a frequentar os cursos da ENFF.

Pelo que pudemos até agora constatar, a direção do MST está convencida de que formar os militantes é tão importante quanto as ocupações de terra; por conseguinte, trazem a compreensão de que nenhuma organização cresce se não formar os seus próprios militantes, o que não é impossível, mas demanda muito tempo e muito esforço político e organizativo dos envolvidos com a ENFF. O que consideramos salutar e apoiamos política e socialmente, em razão da ENFF ter sido pensada e construída por representantes de uma classe que sempre esteve em “pé de desigualdade” com a classe dominante e que foi forçada ao longo do processo histórico a se subordinar à lógica educacional capitaneada pelos artífices do estado burguês e pelos seus estafetas e burocratas de plantão, que estão à frente dos organismos estatais e das agências multilaterais, preocupados, única e exclusivamente, com a centralização e a reprodução dos interesses do capital.

Referências.

BAUER, C. **Educação, terra e liberdade:** princípios educacionais do MST em perspectiva histórica: Sundermam, São Paulo, 2012.

BOSI, A. **Dialética da colonização:** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CALDART, R. S. **Educação em movimento:** formação de educadoras e educadores no MST: Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra.** 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

DAL RI, N. M. VIEITEZ, C. G. **Educação democrática e trabalho associado no movimento dos trabalhadores rurais sem terra e nas fábricas de autogestão.** São Paulo: FAPES, 2008.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2001.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI.** antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos: São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade.** *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 47 maio-ago 2011. p. 333-512.

FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P. **Brava Gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MEDEIROS, E.C. Formação política no MST: o coletivo como espaço e sujeito educativo. In: VENDRAMINI, C.R. (Org.). **Educação em movimento na luta pela terra**. Florianópolis: UFSC; CED; NUP, 2002. p.232.

MST. O que queremos com as escolas dos assentamentos: **Cadernos de Formação**, São Paulo, Secretaria Nacional, nº 18, 1991.

_____. **Plantando cirandas**: São Paulo: Peres, 1994.

_____. Coletivo Nacional de Educação do MST: Como fazer a escola que queremos: o planejamento. **Cadernos de Educação**, São Paulo, nº 6, 1995.

_____. Setor de Educação. Princípios da Educação no MST: **Cadernos de Educação**, São Paulo, nº 8, 1996.

_____. Setor de Educação. Como fazemos a escola fundamental: **Cadernos de Educação**, São Paulo, nº 9, 1999.

_____. **Lutas e conquistas. Reforma Agrária**: Por justiça social e soberania popular. 2.ed. São Paulo, 2010.

SILVA, A. S. da. **Acampados no “Carlos Marighela”: um estudo sobre a formação da consciência política entre famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Pontal do Paranapanema**: dissertação – Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, E. B. da. **Educação e reforma agrária**: práticas educativas de assentados do sudoeste paulista. São Paulo: Xamã, 2004.

SILVA, P. C. D. **Práxis e pedagogia socialista**: a experiência da Escola Nacional Florestan Fernandes: Universidade Federal do Ceará. Disponível em http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Pedro_Claesen_Dutra_Silva.pdf - Consulta em 18-6-2012

SOUZA, M. A. de. **Lideranças de assentamentos rurais no Pontal de Paranapanema**: memória de uma trajetória. Cidadania/Textos, Campinas, nº 7, 1996.

_____. **As formas organizacionais de produção em assentamentos rurais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST**. Tese – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

VENDRAMINI, C. R. **Terra, trabalho e educação**: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST, Ijuí: Edunijuí, 2000.

Outras fontes

<http://www.mst.org.br/>

Eu apoio a Escola Nacional Florestan Fernandes, Demerval Saviani,
<http://amigosennff.org.br/site/node/109>

Na ENFF o conhecimento liberta consciências, por Beatriz Pasqualino e Maíra Kubík Mano.
Revista Sem Terra, Entrevista com Adelar Pizetta, Dez./2010. Disponível em:<<http://www.amigosennff.org.br>> acesso em 05/02/2014).

Recebido em 28-07-2014

Aprovado em 11-11-2014